



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

VITÓRIA EMANUELA DE LIMA NUNES

**“SOREN KIERKEGAARD E VIKTOR FRANKL: DA ANGÚSTIA
FILOSÓFICA À MORTE EXISTENCIAL: UMA QUESTÃO DE SENTIDO”.**

Campina Grande – PB

Julho de 2014

VITÓRIA EMANUELA DE LIMA NUNES

**“Soren Kierkegaard e Viktor Frankl: da angústia filosófica à morte existencial:
uma questão de sentido”.**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência para
obtenção do título de
Licenciatura/Formação em
Psicologia.

Orientador: Edmundo de Oliveira
Gaudêncio

Campina Grande – PB

Julho de 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N972s Nunes, Vitória Emanuela de Lima.
Soren Kierkegaard e Viktor Frankl [manuscrito] : da angústia filosófica à morte existencial: uma questão de sentido / Vitória Emanuela de Lima Nunes. - 2014.
16 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio, Departamento de Psicologia".

1. Logoterapia. 2. Angústia. 3. Medo. 4. Morte. I. Título.
21. ed. CDD 150

VITÓRIA EMANUELA DE LIMA NUNES

SOREN KIERKEGAARD E VIKTOR FRANKL: DA ANGÚSTIA FILOSÓFICA À MORTE EXISTENCIAL: UMA QUESTÃO DE SENTIDO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em **Psicologia** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Formação/Licenciado em Psicologia.

Aprovada em 16/07/2014.



Prof.ª Dr.ª Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB
Orientadora



Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos / UEPB
Examinador



Prof.ª Lorena Bandeira da Silva / UEPB
Examinadora

**“Soren Kierkegaard e Viktor Frankl: da angústia filosófica à morte existencial:
uma questão de sentido”.**

**“Soren Kierkegaard and Viktor Frankl: from philosophical anguish to existencial
philosophical: a manner of meaning”.**

Nunes, Vitória Emanuela de Lima¹

Resumo: Este artigo tem por finalidade realizar uma análise entre a filosofia de Kierkegaard e a logoterapia de Frankl. Partindo dos pressupostos fornecidos por esses autores, pode-se fazer uma analogia referente ao pensamento de ambos teóricos, unindo as reflexões filosóficas: angústia, medo, desespero ao sentido da morte na logoterapia.

PALAVRAS-CHAVE: Angústia, Medo, Desespero, Morte.

ABSTRACT: This work has as goal to do an analysis between Kierkegaard's philosophy and Frankl's logotherapy. From the assumptions provided by these authors, we can do an analogy through both theories and mixing the philosophical reflexions: anguish, fear, despair about the meaning of death in logotherapy.

KEYWORDS: Anguish, Fear, Despair, Death.

INTRODUÇÃO

Neste artigo iremos realizar uma reflexão acerca de alguns conceitos filosóficos de Kierkegaard (nasceu em Copenhague, Dinamarca, em 1813 e ali morreu em 1855. Filósofo e teólogo com grande influência sobre a ética cristã. Considerado ora como um filósofo existencialista, ora pós-modernista, humanista ou individualista) como angústia (predisposição nas ações do homem, antes da disposição de realizar algo), medo (sentimento para o qual há uma representação concreta), desespero (libertação de si próprio) e morte (saída do desespero), como também estudaremos a relação existente entre os conceitos anteriores na logoterapia de Viktor Frankl (Nasceu em Viena, em 26 de março de 1905 e morreu 1997. Psiquiatra e neurologista. Doutor em Medicina e Filosofia. Fundador da “Terceira Escola de Psicoterapia de Viena – Logoterapia”). Do mesmo modo, tentaremos elencar a importância da vivência desses aspectos no comportamento cotidiano do homem.

Discussão

O homem, em toda a sua história, sempre dispôs de aspectos intrínsecos tanto no que se refere às características antropológicas como psicológicas. Desse modo, ao nascer, este é inserido em uma cultura, na qual terá que assimilar suas escolhas frente às possibilidades da vida, apesar de ter consciência da sua transitoriedade, isto é, de sua finitude.

No entanto, antes dessa compreensão do fim, que é a morte, o homem entra numa situação de dúvida por não saber como tudo se originou, nem para onde vai, não tendo certeza de nada, tampouco das consequências de suas escolhas e diante das impossibilidades de antever e explicar os acontecimentos angustia-se.

De acordo com o filósofo Dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard (1813–1855), em sua obra ‘*O Conceito de Angústia*’ (1972, p. 45), a angústia pode ser definida como uma predisposição nas ações do homem antes da disposição de realizar algo:

A angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade. Por isso não se encontra angústia no animal, justamente porque este em sua naturalidade não está determinado como espírito.

Dessa forma o autor ressalta que a angústia é o preço da liberdade. Assim, quanto maior a liberdade do indivíduo e maiores suas possibilidades criativas tanto mais será potencializada sua angústia. O espírito é entendido pelo dinamarquês como sendo um fator racional e necessário para a vivência da angústia e conseqüentemente das possibilidades impostas pela vida.

O sentimento de angústia conduz o indivíduo a uma reflexão consciente acerca do seu potencial. Diferente de outros seres, o homem possui uma consciência que lhe oportuniza encaminhar-se em direção às possibilidades e, mediante suas decisões, este deve utilizar-se dessa angústia e se auto realizar tornando concretas suas escolhas. Contudo, podemos dizer que, diferentemente do medo, que possui sempre um objeto determinado, a angústia é um sentimento para o qual não há representação concreta.

Entretanto, como a angústia e o medo são características intrínsecas do ser humano, o desespero também o é. Na obra intitulada '*O Desespero Humano*' (1849, p.190), Kierkegaard ressalta: desespero é "a doença e não o remédio;" "morrer para o mundo é o remédio." Isto é, o pensador entende que o ser humano é, por natureza, desesperado e a única maneira de se libertar desse desespero é morrer para o mundo.

Destarte, à medida que somos desesperados nós morremos lentamente e, na tentativa de minimizar esse desespero, nós continuamente aprofundamo-lo cada vez mais, sendo a morte para o mundo a porta de saída, como nos explica Kierkegaard (Ibidem, p.191)

Visto que na linguagem humana a morte é o fim de tudo, (sendo de) costume dizer-se, enquanto há vida há esperança. Mas, para o cristão, a morte de modo algum é o fim de tudo, e nem sequer um simples episódio perdido na realidade única que é a vida eterna; e ela implica para nós infinitamente mais esperança do que a vida comporta, mesmo transbordante de saúde e força.

Desse modo, a morte, referida pelo autor embasa-se em uma condição de desfazer-se das requisições insignificantes, que nos tiram de nós mesmos.

Nesse sentido, morrer consistiria em acabar com essas requisições. Porque, enquanto estamos presos a elas, estas podem realmente parecer necessárias, indispensáveis ao nosso ser, quando, realmente, não o são.

Kierkegaard (2006) afirma que os seres humanos são compostos por um voltar-se para si próprio, que suscita sobre si a junção de todas as categorias que, contraditória e simultaneamente, nos constitui – infinito e finito, temporal e eterno, liberdade e necessidade. A esse *voltar-se*, ele denomina como sendo o eu. Esse “eu” é exatamente o elemento transcendente que nos constitui. Ele não se dá unicamente como algo já existente, mas, sempre como algo, a vir a ser constituído.

De acordo com o dinamismos, o homem então é feito de um duplo movimento, um em direção ao finito, caracterizado pela morte, e outro em direção ao infinito, que é a vida eterna almejada pelo cristão, único ser que pode superar a morte. Quando apenas um desses movimentos se realiza, entramos em desespero.

O homem que desespera tem um motivo para o mesmo, - é o que se pensa durante um momento, e só um momento; porque logo surge o verdadeiro desespero, o verdadeiro rosto do desespero. Desesperando duma coisa, o homem desespera de si, e logo em seguida quer libertar-se do seu eu. Desse modo o autor ressalta que desesperar de si próprio, querer, desesperado, libertar-se de si próprio, caracteriza-se como a fórmula de todo o desespero.

O autor (1979), nessa perspectiva, responde à questão “de onde vem o desespero?” afirmando:

Da relação que a síntese (a reunião) estabelece consigo própria, pois Deus, fazendo com que o homem fosse essa relação, como que o deixa escapar da sua mão, de modo que a relação dependente de si própria (...) nela (então) jaz a responsabilidade da qual depende todo o desespero, (...) e dela dependem os discursos e o engenho dos desesperados em enganarem-se e enganar aos outros, considerando-o como uma infelicidade (p. 198).

Na medida em que os indivíduos são compostos apenas pelo elemento transcendente, multiplicam-se discursos engenhosos enunciando remédio para

essa “vertigem” que nos constitui sem, contudo, solucionar o problema; aprofundando ainda mais a dor. Dessa forma, a transcendência caracteriza-se como sendo indispensável à existência humana, no entanto, poucos são os que conseguem estar atentos para essa essência, devendo a filosofia, de acordo com Kierkegaard, sempre nos lembrar disso, como o único remédio para a doença, que pode levar à morte, chamado desespero.

Dessa forma não estar desesperado é elevar-se. Contudo, não estar desesperado significa a extermínio da capacidade do mesmo, para que o homem não o esteja verdadeiramente, é necessário que a cada instante aniquile em si sua possibilidade. O desesperado necessita então, de possibilidade para poder esperar em uma mudança.

A existência humana implica em angústia e desespero, no que concerne à sua busca em si mesmo. O fato de buscar sua essência em si mesmo, configura-se dessa forma como o ato de angustiar-se, porque se chegando a nada como possibilidade dentro de si mesmo, o homem necessita iniciar uma nova construção da sua existência. O desesperar-se, nesse sentido, seria a ausência de esperança, onde nada mais poderia influenciar o homem, isto é, o fim de tudo.

No entanto, para o indivíduo que se encontra imerso numa situação de desespero, a morte não é possível, pois, apesar de seu sofrimento, não tem coragem suficiente para dar um fim em si próprio, como nos explica Kierkegaard:

Estar mortalmente doente é não poder morrer, mas neste caso a vida não permite esperança, e a desesperança é a impossibilidade da última esperança, a impossibilidade de morrer. Enquanto ela é o supremo risco, tem-se confiança na vida; mas quando se descobre o infinito do outro perigo, tem-se confiança na morte. E quando o perigo cresce a ponto de a morte se tornar esperança, o desespero é o desesperar de nem sequer poder morrer (KIERKEGAARD, 1979).

Ao reconhecer sua situação de desespero, o homem aproxima-se da solução para o mesmo, pois o fato de reconhecer-se desesperado é o primeiro e mais importante passo para a cura. Esse processo de angústia e desespero são percursos árduos que necessitam de uma busca intensa em si mesmo. Ter

consciência da angústia e do desespero torna o indivíduo médico de si mesmo, à medida que se percebe como responsável pelas suas próprias ações.

Estes conceitos trabalhados anteriormente, tendo por base a Filosofia de Kierkegaard, possuem uma estreita relação com a Logoterapia e a Análise Existencial, Escola fundada por Viktor Emil Frankl (1905-1997), visto que, para Frankl, a angústia existencial encontra-se sempre presente nas mais diversas manifestações do ser humano.

Destarte, o homem, ao se confrontar com situações conflitantes, causadoras de maiores sofrimentos, sente o enorme desejo de identificar a causa de tanta dor e, assim, tentar encontrar uma resposta para a superação da situação.

Esse sentimento que acomete a maioria dos indivíduos em tais situações a Logoterapia define como sendo *angústia existencial*. Enquanto essa angústia, tanto do ponto de vista de Kierkegaard como de Frankl, leva o homem às possibilidades, temos outro sentimento que difere das afirmações anteriores: o Vazio Existencial, sobre o qual nos afirma Carvalho (1993):

O vazio existencial é, portanto, um sentimento profundo de que a vida não possui um sentido ou significado. Esse sentimento é decorrente de uma frustração existencial, que embora não seja em si mesma patológica, pode levar a uma psicopatologia.

Assim, antes de ocorrer o fenômeno do vazio existencial, o indivíduo passa pela frustração existencial, isto é, não consegue perceber nenhuma razão satisfatória para viver. Kierkegaard ressalta com precisão a finitude do homem quando aborda a angústia causada pela consciência de ser o homem um ser mortal que se encontra nas dimensões do tempo e do espaço e que, nestas dimensões, ele tem um determinado tempo para poder realizar algo.

Contudo, esse sentimento de vazio apresenta-se ora como um estado de medo diante do impermanente da vida e ora como um estado de angústia. O perigoso desse comportamento é ele ser transformado em uma doença psicológica, por isso, vê-se como necessária a vivência da angústia para que ele possa assimilar as possibilidades.

Desse modo, o homem, dentro de suas possibilidades e por sua natureza existencial, tem por tarefa o encontro de um sentido, isto porque o sentido não é algo estático, antes muda de acordo com a pessoa e a situação,

uma vez que a existência de cada homem apresenta um caráter único e as situações nas quais estamos envolvidos são irrepitíveis (FRANKL, 1986).

Dessa forma, o indivíduo não só deve saber de que vive: ele deve também saber para que vive, pois a única coisa que resta ao homem é a liberdade – capacidade de “escolher a atitude pessoal que se assume diante de determinado conjunto de circunstâncias”. (FRANKL, 2008). Diante da finitude do homem, este não pode adiar sua realização de sentido pelo fato de não ser livre de suas limitações, porém possui liberdade para se posicionar diante da mesma. Isto é, somos livres para algo e não de algo.

Na busca pelo sentido, o indivíduo é orientado pela consciência, a qual Frankl considera como sendo o *órgão do sentido*, na sua obra “*A Presença Ignorada de Deus*”(2007, p.85):

Sentido não só precisa, mas também pode ser encontrado, e na busca pelo mesmo é a consciência que orienta a pessoa. Em síntese a consciência é um órgão de sentido. Ela poderia ser definida como a capacidade de procurar e descobrir o sentido único e exclusivo oculto em cada situação. O que a consciência também pode enganar a pessoa. Mais ainda: até o último instante, até o último suspiro, a pessoa não sabe se ela realmente cumpriu o sentido de sua vida ou se ela apenas se enganou: Ignoramus et Ignorabimus, não sabemos nem agora nem mais tarde.

Nessa orientação do sentido, o homem descobre sempre mais no cotidiano a sua unicidade existencial, ou seja, ele, à medida em que é um Ser único na busca de sentido, descobre aquilo que está oculto. O constrangimento se dá se a pessoa não viveu de forma consciente e sim, enganando-se a si mesmo e aos outros até o fim da vida.

Enquanto Kierkegaard elencou a angústia como caminho para as possibilidades, na Logoterapia temos a *Tensão*, a qual tem a mesma função da angústia. A tensão é experimentada pelo homem através de uma exigência do sentido da vida cuja realização é única e exclusivamente reservada a esse homem. Do ponto de vista psíquico, a tensão promove a saúde psíquica, pois constitui todo ser do homem; dessa forma, ser homem quer dizer: estar em tensão entre ser (realidade) e dever-ser (idealidade).

Havendo essa tensão, configura-se posteriormente a auto-transcendência, que consiste na capacidade do homem de superar a si mesmo. Dessa forma, a transcendência passa a estimular o homem e a sua subjetividade, no sentido de que o mesmo não está fechado em si, mas presente sempre num universo humano - e isso denomina-se humanismo existencialista.

Dessa forma Frankl ressalta que a auto-transcendência se constitui como a essência da existência humana, ou seja, de que o essencial não é a duração da vida, e sim a plenitude do sentido. [...] “auto-transcendência”, da existência. Isso quer dizer que ser humano significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo, para alguma coisa ou alguém...com base na sua auto-compreensão ontológica pré-reflexiva, tem conhecimento de que ele se auto-realiza precisamente na medida em que esquece de si próprio; e ele se esquece de si próprio novamente na medida em que se entrega a uma causa à qual serve, ou a pessoa que ama. (FRANKL, 1992)

Percebemos dessa maneira que a visão de Frankl envolve uma concepção ontológica, que não se verifica apenas na experiência sensível, mas leva em consideração as características essenciais e intrínsecas, assim como o conteúdo inteligível desse ser chamado homem.

Dessa forma, como então, diante da transitoriedade essencial da existência humana, pode o homem encontrar sentido em sua vida? Na sua obra *“Em Busca de Sentido”* Diz Frankl (2010, p. 144):

Nunca me canso de dizer que os únicos aspectos realmente transitórios da vida são as potencialidades; porém, no momento em que são realizadas, elas se transformam em realidades; são resgatadas e entregues ao passado, no qual ficam a salvo e resguardadas da transitoriedade. Isso porque no passado nada está irremediavelmente perdido, mas tudo está irrevogavelmente guardado.

Assim, em face a essa transitoriedade podemos dizer que o futuro ainda não existe, o passado não existe mais, e a única coisa que realmente existe é o presente, e o homem nesse sentido é um ser que caminha para o nada, ameaçado pela inexistência. Se tudo é transitório, há que exigir maior conscientização das possibilidades essencialmente transitórias. Essa

transitoriedade parece ameaçar a ação humana frente à vida interrogante, mas não se pode esquecer que tudo está guardado no passado. Esta, portanto, é a razão pela qual tudo é transitório: Tudo é passageiro porque foge da nulidade do futuro para a segurança do passado (FRANKL)

Podemos afirmar então que, com a morte, tudo que se passou na existência humana se congela no passado e, dessa forma, não poderá mais, em hipótese alguma, ser modificado, restando ao homem apenas o seu eu espiritual. Concluimos, assim que o homem torna-se realidade a partir de sua morte. Seu eu não é algo que “é”, mas algo que vai acontecendo e por isso chega a ser completamente só quando a vida é completada pela morte (FRANKL, 2005, p.102).

Entretanto é exatamente esse tom de finitude e irreversibilidade que a morte dá ao existir, que apela para que o homem assuma a tarefa de criação de si mesmo ao longo de sua existência. Com isso, no decurso de sua vida, o homem tende a entender mal o sentido da morte, e sendo assim, a morte frequentemente lhe aparece como algo assustador, tornando-se difícil para o homem perceber o quanto de bem ela significa. Por isso afirma, Frankl (1992):

[Nos convida a imaginarmos como sendo imortais, e que tivéssemos todo o tempo do mundo a nossa disposição, e para isso conclui que para tais indivíduos a vida perderia seu caráter de “acontecer”, tudo ficaria para depois e a imediatividade da vida, junto com seu sentido perder-se-ia por completo]

Voltando-nos um pouco para a filosofia de Kierkegaard, exposta anteriormente, podemos perceber que a finitude da existência provoca nos seres humanos inúmeros sentimentos, entre eles, podemos citar a angústia, o medo e o desespero, sentimentos estes que permeiam tanto o campo da filosofia, quanto o da logoterapia.

Ora, todos nós somos obrigados a nos confrontar com a morte e o modo pelo qual vamos encará-la, dependerá da nossa história de vida e do nosso esforço para enfrentar tal questão.

Nesse sentido, é compreensível a ideia de que o ser humano é responsável tanto pela própria vida, quanto pela própria morte, vez que “(...) a responsabilidade é a capacidade de responder pelo que fazemos no mundo em pleno uso de nossa liberdade.” (GOMES, 1992, p. 21).

No entanto, para se utilizar da liberdade e da reponsabilidade, podemos afirmar que o homem tem que ter consciência do seu destino, pois, assim como a morte dá sentido à vida o destino tem esta mesma característica, como nos ensina Frankl, em sua Obra *“Psicoterapia e Sentido de Vida”* (1973, p. 119-120):

Em termos gerais, pode-se afirmar que o destino – por analogia com a morte – faz parte da vida, de algum modo. O homem não pode sair do seu espaço de destino concreto, que tem também um “caráter de algo único”. Se se rebela contra o destino, isto é, em face daquilo contra que nada pode, em face daquilo em que não tem nenhuma responsabilidade ou culpa, é porque não viu bem o sentido do destino. (...) Dentro do seu espaço de destino, como que exclusivo, o homem é insubstituível. E é esta insubstituibilidade que gera a sua responsabilidade pela configuração do seu destino. (...) O seu destino não se repete. Ninguém tem as mesmas possibilidades que ele, nem ele próprio as volta a ter.

Podemos dizer que cada homem tem um destino determinado, único não podendo ir contra o mesmo, pois dessa forma estaria contrário ao sentido do seu destino. Assim, pelo fato do homem ser insubstituível frente a esse destino, não podendo colocar a responsabilidade em outrem, ele sempre será dirigente de suas possibilidades.

Nota-se, portanto, que o ser humano nunca será comparado com outro ser no que se refere à capacidade de transcender, não podendo, dessa forma, reviver as mesmas possibilidades, porque ele, como já vimos em Kierkegaard, é um ser inclinado para o dever-ser.

Contudo, o mesmo homem que é repleto de possibilidades é levado a se conscientizar e posteriormente contentar-se com sua finitude, pois o importante não é a duração da vida, mas o sentido dado à mesma, como ressalta Frankl, em sua obra *“Psicoterapia e Sentido da Vida”* (p.110-111):

Nunca poderíamos avaliar a plenitude de sentido duma vida humana com base na sua duração. No começo a vida é ainda substância na sua totalidade, substância ainda não consumida; mas, à medida que transcorre, perde cada vez mais como substância, convertendo-se em função cada vez mais, para se reduzir, finalmente, aos fatos, vivências e sofrimento, que o seu portador, o homem concreto, foi acumulando. Assim, a vida humana faz lembrar o rádio que como é sabido tem também um “tempo de vida” limitado já que os seus átomos se

desintegram e a sua matéria se vai transformando em energia que irradia, nunca mais retornando nem voltando a transformar-se em matéria.

Frankl faz-nos refletir sobre nossa vida como uma substância que aos poucos vai sendo consumida, porém nunca deve ser vazia de sentido, ela é continuamente convertida em atividades diárias. Desse modo, como existe um tempo limitado para se chegar à morte, o indivíduo, à medida que vai se desintegrando, jamais poderá colocar em segundo plano o sentido, pois se assim o fosse ele viveria imerso em um vazio existencial, portanto o homem poderá deixar de ser uma substância com um tempo determinado, mas sua essência nunca poderá ser abalada.

Destarte, poderíamos fazer o seguinte questionamento: E se fossemos imortais, como seriam nossa vida e nossas ações? Seria problemático para o homem uma ideia de comodismo, como afirma Frankl (Ibidem, p.109):

Se fossemos imortais, poderíamos, com razão, adiar cada uma das nossas ações até o infinito; nunca teria a menor importância realiza-las agora, podendo muito bem realizar-se amanhã ou depois de amanhã, ou daqui a um ano ou dez. Em compensação, tendo em vista a morte como fronteira infranqueável do nosso futuro e limite das nossas possibilidades, vemo-nos obrigados a aproveitar o tempo de vida de que dispomos e a não deixar passar em vão as ocasiões irrepetíveis que se nos oferecem ocasiões essa cuja soma “finita” representa precisamente a vida tãda.

O conceito de imortalidade acima citado nos faz imaginar uma vida sem sentido, isto porque deixaríamos de viver intensamente a relação existente entre a temporalidade e a função do homem no mundo. Por isso, aproveitar cada momento da vida dentro do tempo (que seria a mola mestra do sentido), faz do indivíduo um ser “preparado” para a morte, que pode ser considerada como o ápice de uma vida dotada de sentido.

Portanto, não é necessário separar a morte da vida, nem tampouco deixar de vivenciar comportamentos como a angústia, o desespero, o medo e tantos outros que porventura existam, e que se constituem, por vezes, como fatores de edificação ou de destruição. De qualquer forma, a questão do sentido da vida, só pode ser bem entendida mediante a consciência da

finitude, com a morte, porém com o intuito de dizer sempre sim a vida, pois *“quem tem por que viver pode suportar quase qualquer coisa”* (Nietzsche).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, assim, esta análise considerando que, tanto a angústia quanto o desespero são fatores que influenciam nas ações do homem e nunca deixarão de estar presentes, isto porque são intrínsecos à realidade antropológica e existencial do ser.

Assistimos a uma sociedade contaminada pelo vazio existencial, e esta análise servirá para uma leitura consciente e enraizada no dever-ser de Kierkegaard e no sentido da morte de Frankl, a fim de que o homem em todas as suas dimensões não perca seus objetivos mergulhando assim num comodismo desenfreado.

Portanto, pudemos perceber que a filosofia de Kierkegaard sempre contribuirá para uma abertura à questão das possibilidades, pois no que diz respeito ao sentido da vida, sempre é possível recomeçar.

Partindo para a logoterapia de Viktor Frankl, aprendemos que, mesmo em meio à finitude, ainda existe a esperança do verdadeiro sentido existencial frente às escolhas que culminarão na morte e que o indivíduo, ao passar por essa última fase, não se desespere com a ausência de sentido, porém que o mesmo, ao fechar os seus olhos para o mundo, possa recordar que um dia viveu em plenitude de sentido.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Mauro Romer de. **O vazio Existencial e o Sentido da Vida**, Rio de Janeiro, Março 1993.

FRANKL, V. E. **A Presença Ignorada de Deus**. 7ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

FRANKL, Viktor. E. **Psicoterapia e sentido de vida; fundamentos da logoterapia e análise existencial**. São Paulo, Quadrante, 1973.

_____. **Em Busca de Sentido**. 29ª ed. Vozes: Editora Sinodal: Vozes, 2010.

KIERKEGAARD, Soren A. **O Conceito de Angústia**. Petrópolis, RJ. Editora: Vozes, 1972

KIERKEGAARD, Soren A. **O Desespero humano**; Martin Claret; São Paulo, 1849.

LUKAS, Elisabeth. **Logoterapia “A Força Desafiadora do Espírito”**, Editora Loyola.

ROOS, Jonas. **Kierkegaard e a antropologia entre angústia e o desespero**. Disponível em:
<http://www.sorenkierkegaard.com.ar/index2.php?clave=trabajo&idtrabajo=51&clavebot=jornadask>.> Acesso em 20 de julho de 2013.

XAUSA, Isar Aparecida de Moraes. **A psicologia do sentido da vida**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986